

Filmes revelam resistência da cultura negra em Campinas

Trilogia mostra a importância de códigos e manifestações populares para a formação da cidade

PATRICIA LAURETTI
patricia.lauretti@reitoria.unicamp.br

Com a força do orixá Exu, ou de um rio, que “vai serpenteando... e por onde passa interferindo na vegetação, criando uma floresta”, a cultura popular e negra vem resistindo e driblando os livros de história, que insistem em esquecê-la. Não é diferente em Campinas. A invisibilidade das questões do negro não permite contar que a cidade já foi, por exemplo, reduto do samba de bumbo, vertente do samba paulista, ou que abriga grupos com uma trajetória de quase três décadas celebrando a cultura popular.

Uma trilogia de filmes documentários realizados pelo professor Gilberto Alexandre Sobrinho, do Departamento de Mídias, Mídia e Comunicação do Instituto de Artes (IA), procura narrar algumas dessas trajetórias. O filme mais recente, “A Dança da Amizade. Histórias de Urucungos, Puitas e Quijengues”, segundo da trilogia, aborda a história do Grupo Urucungos, Puitas e Quijengues, com sede no bairro Vila Teixeira, em Campinas. O primeiro filme foi “Diário de Exus”, lançado em 2014. Para 2017 está previsto o terceiro filme, com o título provisório “A Mulher da Casa do Arco-Iris”, sobre a trajetória de Mãe Dango, sacerdotisa do candomblé, moradora da cidade vizinha de Hortolândia, líder religiosa e comunitária, idealizadora e coordenadora da Lavagem das Escadarias da Catedral, evento anual de Campinas.

“A trilogia propõe elaborar, do ponto de vista poético, narrativas que lidam com a questão do negro em Campinas, realçando seu papel central e formador na constituição cultural da cidade. Há uma presença negra muito forte na cidade e a inscrição de códigos culturais originários de Campinas e que você não encontra em outros lugares”, ressalta. E não se trata de grupos isolados, complementa o professor. “Na verdade existe uma rede tramada com vários agentes, artistas de vários fazeres, gente que há muito tempo está fazendo coisas, portanto, com espessura histórica”.

Raquel Trindade é uma delas. No final dos anos 1980, a artista popular, filha do poeta Solano Trindade, foi convidada para dar aulas de danças afro-brasileiras no departamento de Dança da Unicamp. O convite partiu do então professor do IA Antônio Nóbrega. “O Celso Nunes viu, gostou muito e me convidou para as artes cênicas. Fui dar aulas de folclore, teatro negro no Brasil e sincretismo religioso, fui para a graduação e vi que só tinha um negro. Aí eu pedi à Unicamp para fazer um curso de extensão. Vieram negros que eram funcionários da Unicamp, vieram negros da comunidade de Campinas e vieram japoneses, chineses de outras graduações”, conta no documentário.

O curso de extensão foi a origem do grupo Urucungos, Puitas e Quijengues, que até hoje defende o repertório ensinado por Raquel e é umas das referências do samba de bumbo, vertente do samba paulista. “Raquel desenvolveu, com o grupo, um repertório de sambas nordestinos, o maracatu, o bumba meu boi, uma série de outras manifestações, como o jongo, o samba lenço paulista, danças populares, enfim, ‘pequenas óperas’ como diz Naná Vasconcellos [percussionista pernambucano], e que não tem esse reconhecimento”, afirma Gilberto.

Raquel Trindade é a primeira entrevistada no documentário “A Dança da Amizade”. Parte de uma família de artistas que



A professora Grácia Navarro e Jacinto Rodrigues da Silva, o mestre de capoeira Jahça, em “Diário de Exus”

migra de Pernambuco primeiro para o Rio de Janeiro e, depois, para São Paulo, Raquel é continuadora da obra do pai, e tem seu próprio repertório artístico estabelecido em Embu das Artes. “Solano é um dos grandes poetas da língua portuguesa, mas que também não é muito lembrado, parece haver um esforço de apagamento dessa herança”, reforça Sobrinho.

Exus

Se “A Dança da Amizade” se ocupa da experiência do grupo Urucungos, Puitas e Quijengues, “Diário de Exus”, o primeiro curta-metragem da trilogia é, na maior parte, ambientado na Unicamp, no curso de Artes Cênicas. A professora Grácia Navarro, também responsável pela pesquisa do filme, aparece no documentário atendendo ao pedido de uma “formatura informal” do funcionário Jacinto Rodrigues da Silva, o mestre de capoeira Jahça, que estava, naquele momento, se aposentando. A ideia então foi fazer uma peça de teatro sobre a divindade africana do Exu, com Jahça como protagonista.

“O filme é uma visão um pouco mais livre sobre o negro na cidade, a partir do orixá Exu e do mestre Jahça, que foi funcionário do Restaurante Universitário e depois tornou-se ‘funcionário artista’, atuando como porteiro e mestre de capoeira junto com a graduação”. O processo de criação da peça é registrado pela câmera. “O documentário atualiza o mito do orixá Exu. Mestre Jahça é o fio condutor que conecta

os diferentes lugares onde habita essa divindade” descreve o professor.

Para Gilberto, os dois primeiros filmes trazem as relações entre a universidade, a cidade e o racismo. “O lançamento da ‘Dança da Amizade’ adensa algo que já estava colocado no ‘Diário de Exus’, que é uma relação da Unicamp com parte da história da cidade que não é isenta das contradições e do racismo, já que é um grupo de cultura afro-brasileira que nasce aqui na universidade”. A trilogia está inserida nas atividades de extensão universitária. “A história do ensino superior no Brasil é uma história de exclusão dos negros. A criação dessas redes e parcerias se traduz em um projeto de extensão que deve durar. Um desdobramento do curta “A Dança da Amizade” foi uma oficina de formatação de projetos em documentário para as comunidades do Ponto de Cultura Ibaão e Urucungos. Os filmes foram favorecidos por editais do Fundo de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (Faepex) da Unicamp, além de recursos do Fundo de Investimentos Culturais de Campinas (FICC)”.

A imagem do negro nos dois primeiros filmes também diz respeito, pessoal e intelectualmente, ao docente. “Uma questão que permeia a história do documentário é a da exterioridade, são pessoas falando do outro. À medida que os filmes foram se desenvolvendo, eu tive uma clareza de que estava indo em outra direção, de que eu também estava falando de mim. A relação com outro, por meio da realização documental, contribui, assim, para uma inspeção pessoal sobre minha própria história, um olhar pessoal sobre a formação de territórios e memórias de Campinas e um adensamento na pesquisa sobre os alcances do filme documental, artisticamente falando.”

A história contada nos filmes da trilogia também diz respeito, pessoal e intelectualmente, ao docente. “Uma questão que permeia a história do documentário é a da exterioridade, são pessoas falando do outro. À medida que os filmes foram se desenvolvendo, eu tive uma clareza de que estava indo em outra direção, de que eu também estava falando de mim. A relação com outro, por meio da realização documental, contribui, assim, para uma inspeção pessoal sobre minha própria história, um olhar pessoal sobre a formação de territórios e memórias de Campinas e um adensamento na pesquisa sobre os alcances do filme documental, artisticamente falando.”



Do filme “A Dança da Amizade. Histórias de Urucungos, Puitas e Quijengues”: 1) Ana Maria Miranda e Elizeus da Cruz durante apresentação do Maracatu; 2) Entrevista com Ana Maria Miranda; 3) Entrevista com Alceu Estevam; 4) Entrevista com Elizeus da Cruz; e 5) Alceu Estevam durante apresentação do Maracatu

Identidades, territórios e afetos

GILBERTO ALEXANDRE SOBRINHO
Especial para o JU

Tenho me ocupado sobre as relações entre as construções identitárias e o domínio do documentário brasileiro na pesquisa e no ensino em todos os níveis. Desde os filmes cinemanovistas dos anos 1960 até a robusta produção televisiva do Globo Repórter dos cineastas, a questão identitária era definida pelo expediente da nação. Deslocamentos começaram a surgir em meados dos anos 1970, desde então as relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade, as representações periféricas e os agenciamentos da subjetividade, notadamente, a emergência da primeira pessoa diversificaram e tornaram mais complexas as relações no campo das identidades.

Recentemente, passei a dirigir filmes, dei continuidade à investigação desses conceitos, interessando-me sobre a criação poética de trajetórias relacionadas ao negro. Com isso,

ampliei-me a visão sobre o alcance e os limites dos filmes, numa outra perspectiva.

A convite de Grácia Navarro, em 2013, iniciei a realização de um documentário em que o motivo principal era o registro de uma peça de teatro sobre Exu, encomendada por Mestre Jahça, funcionário aposentado da Unicamp e que se identifica profundamente com essa divindade.

Do convívio com Jahça, emergiu uma rede de afetos e, assim, de forma intensa, brotou a vontade de lançar um olhar cinematográfico sobre a cidade de Campinas, sob o ponto de vista de homens e mulheres negras que edificaram um gigante território potente e diversificado.

“Diário de Exus”, filme que resultou desse trabalho, demonstra, em primeiro lugar, o meu modo de documentar, algo que aponta para um olhar em construção que define, pela imagem, os territórios negros da cidade.

Desse processo, com destaque para a dissertação “Danças populares brasileiras entre a tradição e a tradução”, defendida no IA, por

Alessandro Oliveira, cheguei no grupo Urucungos, Puitas e Quijengues, e outro projeto em fina conexão com anterior começou a se esboçar.

Foi no Balaio das Águas do Ponto de Cultura Ibaão que começamos o processo de filmagem de “A Dança da Amizade”, filme que conta a história do Urucungos. À medida que a equipe ia se aproximando dos territórios e das pessoas, pude perceber a rede de comunidades que se forma em defesa de um vasto vocabulário religioso, cultural e artístico afro-brasileiro. As amizades foram se tecendo e isso eu penso que está em cada imagem do filme.

Além do registro do processo de documentação e da obsessão pela restituição dos momentos que compartilhamos, o filme revela também essa troca de afetos, de amizade e de conhecimento. N’A Dança da Amizade. Histórias de Urucungos, Puitas e Quijengues, o que o espectador vê é o transbordamento dessas relações.

Voltando a 2013. Ali, comecei a filmar a Lavagem da Escadaria da Catedral de Campinas.

Esse evento, organizado por Mãe Dango e Mãe Corajayá há 31 anos, é bastante representativo da força ancestral afro-brasileira na região. Nele, religiosos e praticantes da cultura negra em várias frentes descem, simbolicamente, a Rua 13 de Maio com água de cheiro e flores e ocupam a área externa frontal da Catedral.

A necessidade de dar um fechamento para essa fase de encontros entre mim e essa Campinas negra, iniciou-se na produção de mais um documentário. Mãe Dango convenceu-se de que sua história poderia ser narrada por mim e pela minha equipe e assim, está nascendo “A Mulher da Casa do Arco-Iris”, um documentário poético que completa minha Trilogia Negra. Provisoriamente, resulta desse processo, a importância de continuar narrando sobre a identidade, assumidamente como umas construções de vários níveis. No caso desses filmes, a moldura do território faz evocar memória, celebração, religiosidade, resistência política e arte.

O professor Gilberto Alexandre Sobrinho: “À medida que os filmes foram se desenvolvendo, eu tive clareza de que estava indo em outra direção, de que eu também estava falando de mim”



Foto: Antoninho Perri